

Eduardo Miranda

eduardo.miranda@brasileconomico.com.br

Octávio Costa

ocosta@brasileconomico.com.br

O sr. consegue fazer um prognóstico para esta eleição?

Será a eleição mais disputada desde 1989. Isso vai se expressar, provavelmente, na diferença entre os dois candidatos em termos de votos válidos, que deve ficar entre 2 e 6 pontos percentuais. Significa que estamos nos diferenciando das últimas cinco eleições, nas quais duas foram vencidas no primeiro turno, e outras três no segundo, com mais de 10 pontos de diferença entre os dois candidatos. Hoje, o prognóstico é muito difícil. Eu diria que Aécio teria 51% de probabilidade de vencer a eleição, e Dilma, 49%.

Essas pesquisas, então, seriam confiáveis?

Acho que sim. Agora, tem que dizer que isso é hoje. Temos que lembrar que de 15% a 20% dos eleitores totais podem mudar de voto, sejam aqueles que estão se colocando como indecisos, com votos brancos e nulos, ou aqueles que, por enquanto, estão optando por Dilma ou Aécio. Ou seja, um quinto dos eleitores pode se mexer, e isso nos dois últimos dias da eleição.

Que fatores poderiam influenciar a decisão dos eleitores na última semana?

O sentimento do eleitor é um desejo de mudança com estabilidade. Quando a gente olha as qualitativas e quantitativas e faz uma síntese delas, vê que os eleitores querem mudança, mas temem perder as conquistas. É um eleitor difícil de avaliar. Quando o eleitor é de continuidade — como foi em 1994, 2006 e 2010 — sabe-se mais claramente para onde ele vai. Quando é de completa mudança, como foi em 2002, você também sabe. O grande problema, hoje, de entender qual será o resultado final, não se restringe às pesquisas de opinião, é o sentimento geral do eleitorado, que é uma busca por mudanças com estabilidade. Esse sentimento é difícil de traduzir e é mais claro não nos extremos do eleitorado, mas nesses 20% que estão entre brancos, nulos e indecisos. Não por acaso, Aécio tem dito que é o candidato da mudança, mas que continuará fazendo as políticas públicas que dão certo.

Qual é o limite da mudança que ele propõe, então?

‘NA ÚLTIMA CURVA, DILMA E AÉCIO TERÃO QUE DIRIGIR COM A PONTA DOS DEDOS’

Diante das pesquisas que apontam empate técnico entre Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB) a seis dias da eleição, o cientista político Fernando Abrucio afirma que a decisão virá “na última curva”, em alusão à ultrapassagem que deu o título mundial de Fórmula 1, em 2008, ao inglês Lewis Hamilton, quando Felipe Massa já havia cruzado a linha de chegada. “Os candidatos terão que dirigir com as pontas dos dedos, como se diz nas pistas”. Ele adverte que a estratégia de desconstrução depen-

de da dose certa. “Pode ser um remédio, mas pode se tornar um veneno”. Na opinião de Abrucio, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV/SP), o desafio de Dilma é desconstruir a candidatura do Aécio, enquanto o tucano tem de confirmar a imagem que ele construiu ao fim do primeiro turno. Abrucio assegura que o resultado do pleito terá uma diferença mínima de votos. “Se houver equilíbrio entre os dois nos debates de TV, o vencedor ganhará com um nariz de distância sobre o outro”, aposta.

E a do Aécio é confirmar a imagem com que ele chegou no fim do primeiro turno. É uma última curva diferente, na qual ambos têm que dirigir no limite. Não por acaso, ambos não aceitaram ser entrevistados pelo "Jornal Nacional", temendo que, na última curva, algum assunto menos importante aparecesse, e eles não soubessem lidar com isso.

Os debates que serão realizados nos próximos dias terão muito peso? Fala-se muito que o da TV Globo será crucial.

O debate da Globo é o que tem mais peso, por duas razões. Uma é pela audiência; outra, pela proximidade da eleição. O Datafolha mostrou que, no primeiro turno, uma quantidade enorme de eleitores, cerca de 15%, mudou seu voto nos dois últimos dias. Quando a gente olha para os 6% de indecisos, eles respondem que vão decidir na última hora. Eles estão dizendo, em sua maioria, que vão continuar indecisos até a última hora, o que é um avanço democrático. No debate, mais importante do que ter um bom desempenho é não ter um mal desempenho. O que aconteceu no final do primeiro turno não foi só Aécio ter ido bem no debate, mas, principalmente, Marina ter ido muito mal. Na quinta-feira, se houver equilíbrio entre os dois, o vencedor ganhará com um nariz de distância sobre o outro.

Diante dessa análise, a visão de que é uma eleição plebiscitária, em que há uma decisão entre PT ou não-PT, não se aplicaria aos indecisos?

Não. Existe uma parte grande do eleitorado que é dividida. Uma parte mais voltada ao lulismo, ao petismo, e uma parte muito grande antipetista. Só que quem vai decidir a eleição são os que não estão nesses dois blocos. Esses dois blocos se consolidaram, na verdade. São eles que fazem com que PT e PSDB cheguem ao segundo turno. Eles dão vantagem a esses partidos. Se a gente olhar os dados do Ibope do primeiro turno, há algo em torno de 37% de eleitores lulistas de carteirinha e 33% de eleitores antipetistas de carteirinha. Somando esses dois números, dá 70%. Um terço fica flutuando. Nessa eleição, talvez seja um pouco menos que um terço, talvez um quinto. Os outros 10% já foram conquistados ou por Aécio ou por Dilma. Esses 20% não querem, necessariamente, a polarização. Eles querem,

Se Aécio chegar e falar que vai mudar tudo que tem aí, porque o governo é, simplesmente, um fracasso, ele perde a eleição. Do mesmo modo, Dilma, que é a continuidade, tem, também, que falar da mudança. É uma eleição de difícil interpretação, sobretudo para esses 20% do eleitorado, que são mais voláteis do que os outros 80%, e que decidirão a eleição. Geralmente, é um eleitorado feminino, de dois a cinco salários mínimos, de média escolaridade — ou seja, não tem tão pouca escolaridade, mas não tem nem ensino superior nem ensino médio completos. Por isso, os candidatos têm que dirigir com as pontas dos dedos, como se diz na Fórmula 1.

E torcer como se estivesse na última curva.

Só que a última curva é diferente para os dois. Para Dilma, nesse momento, a última curva é, no fundo, desconstruir a candidatura do Aécio.

66

Será a eleição mais disputada desde 1989. Isso vai se expressar, provavelmente, na diferença entre os dois candidatos em termos de votos válidos, que deve ficar entre 2 e 6 pontos"

"Aécio acredita que o cenário é o mesmo do fim do primeiro turno, que Dilma já perdeu a medida na desconstrução. Mas, por enquanto, a rejeição de Aécio está aumentando"

na verdade, mudança com estabilidade. No fundo, o trabalho de Dilma em tentar desconstruir Aécio não se dá da mesma forma que a desconstrução de Marina. Desta vez, é desconstruir Aécio para conseguir mostrar, de algum modo, que ele é o retrocesso. Do lado de Aécio, é tentar mostrar que isso não é verdadeiro.

A estratégia de desconstrução aplicada nessa eleição pelos marqueteiros é algo novo?

Não, ela já existiu em outras eleições. No segundo turno de 1998 em São Paulo, Mário Covas fez a campanha inteira dizendo que Paulo Maluf era ladrão e corrupto. A questão é que algumas eleições dependem mais desse tipo de arma eleitoral. Em outras, não tem tanto efeito. Além disso, o mecanismo de desconstrução depende da medida. Na medida certa, é remédio; na medida errada, é veneno. Acho, até, que o PT abusou da medida no

primeiro turno, e uma parte virou veneno. No fundo, para o PT, teria sido muito mais inteligente usar pouco esse elemento contra Marina, e deixar que Aécio usasse mais, porque ele precisava ultrapassá-la. Se isso tivesse acontecido, hoje, Dilma seria a favorita para o segundo turno. O dado mais importante do Datafolha não é a manutenção da pontuação de ambos, mas o aumento do índice de rejeição de Aécio, que está se aproximando de Dilma, o que mostra que a desconstrução, por enquanto, não perdeu a medida.

Não havia a expectativa na campanha de Aécio de que ele fizesse mais uso dessa desconstrução?

No fundo, Aécio está acreditando que o cenário atual é o mesmo do fim do primeiro turno. Ele acredita que Dilma já perdeu a medida na desconstrução. Mas, neste momento, não dá para dizer que Dilma perdeu a mão na desconstrução. Pelo contrário, a rejeição de Aécio está aumentando. Se isso aparecer na próxima pesquisa eleitoral, eu, se fosse ele, tentaria desconstruir mais fortemente Dilma no próximo debate.

O que explica a dificuldade da presidenta Dilma nesta eleição?

É preciso olhar a taxa de aprovação do seu governo. A taxa de aprovação da Dilma, que aumentou ao longo da campanha — por isso que ela conseguiu chegar ao segundo turno e respirar — hoje é de 40%. A taxa de aprovação do governo Lula próximo a esse período era de 83%. A taxa de aprovação é o que melhor explica. No atual momento, Dilma está no limite da possibilidade de ganhar a eleição. Se ela ganhar, vai ser por um triz, nesse limite. Se, até o dia da eleição, a taxa de aprovação dela baixar, ela perde. Se ela crescer um pouco mais, 4, 5 pontos, crescem muito as chances de ela ganhar a eleição, embora eu ache que isso seja difícil de acontecer.

Fala-se da divisão regional entre Norte/Nordeste e Sul/Sudeste e de uma divisão social e de renda, em que a maioria dos mais pobres votaria em Dilma e os ricos e a classe média mais alta, no Aécio. O sr. concorda?

Em parte. Sem dúvida alguma, o Nordeste é fortemente lulista. E o Centro-Sul é mais tucano. Mas não é só isso que explica. Se fosse só isso, Dilma estaria bem mais atrás. É que ela tem no Su-

deste, sobretudo no Rio, em São Paulo e em Minas, a votação daqueles que tem até dois salários mínimos. Nesta eleição, entre aqueles que têm entre dois e cinco salários mínimos, Aécio lidera. Mas ele lidera onde? Fundamentalmente, em São Paulo, que é o estado maior e onde ele conseguiu chegar aos mais pobres nesse segundo turno. Isso garante a maior possibilidade de Aécio ganhar a eleição. É um paradoxo lógico. Os mais pobres vão votar na Dilma, mas uma parcela dos mais pobres, em particular, em São Paulo, pode garantir a eleição do Aécio. Portanto, existe uma certa polarização, mas que não é verdadeira por completo, nem do ponto de vista regional, nem da renda. No entanto, se o Aécio perder a liderança nesse eleitorado entre dois e cinco salários mínimos — o que pode acontecer, uma vez que é um eleitorado volátil, com grande participação feminina e menor escolaridade, que tem um número grande de pessoas indecisas, não só de brancos e nulos, mas daqueles que são mais voláteis no momento —, Dilma ganha a eleição. É esse eleitorado que vai decidir a eleição.

66

Os mais pobres votarão na Dilma, mas parcela deles, em particular em São Paulo, pode garantir a eleição de Aécio. A polarização (regional e de renda) não é verdadeira por completo"

Qual é o impacto do apoio de Marina para Aécio?

O impacto não veio como se esperava, porque o eleitor fez suas escolhas antes da Marina. Ela só tinha duas opções: apoiar Aécio no dia seguinte à eleição, ou fazer uma lista enorme de temas vinculados à sua história, que se Aécio não aceitasse, ela diria “olha, não estou ficando neutra, é o Aécio que não segue uma linha mais progressista”. Ao não fazer nenhuma dessas duas coisas, ela perdeu eleitores. De um lado, aqueles que queriam uma decisão mais rápida, pularam para Aécio antes de Marina e não precisaram mais dela. De outro, aqueles que queriam um compromisso maior de Aécio com o programa da Rede (que Marina simboliza) ou estão indecisos, ou vão votar branco/nulo, ou já optaram pela Dilma. Creio que ela saiu menor da campanha do que quando entrou. Em certo momento, Marina era favorita para ganhar no segundo turno. Hoje, ela tem menos capacidade de influenciar o voto do que há 15 dias. Houve uma redução do poder de Marina. Isso quer dizer que ela acabou politicamente? Claro que não. Mas ela terá que reconstruir sua carreira política, sua inserção na vida política brasileira. E os caminhos ficaram mais difíceis para ela.

Há uma tendência dos indecisos pró-Dilma?

Eu diria que sim. Mas não é que os indecisos todos vão para Dilma, porque indeciso ainda é indeciso. Eles não têm um voto ainda. Se fosse hoje, Aécio ainda ganharia, porque eles ainda estão indecisos. Mas, se, na próxima semana, Aécio perder votos nessa faixa de dois a cinco salários mínimos, em particular no Sudeste, e aumentar sua rejeição, a gente inverte: Dilma vira favorita.

A garantia dele seria o voto desse eleitorado em São Paulo?

Em São Paulo, Minas e Rio.

Por que essa faixa de renda pendeu para o PSDB?

Há uma situação que gera um certo paradoxo. Essas pessoas melhoraram de vida ao longo dos últimos 12 anos, principalmente durante os oito anos em que Lula foi presidente. Nos últimos quatro anos, a vida delas não melhorou tanto. Quando elas melhoraram, começaram a se tornar mais demandantes de coisas que antes não tinham, como a qualidade dos serviços pú-

“

Se Aécio perder votos nessa faixa de dois a cinco salários mínimos, em particular no Sudeste, e aumentar sua rejeição, a gente inverte: Dilma vira favorita”

Dilma e o mercado financeiro bateram de frente várias vezes (...) A presidente não foi capaz de reconstruir as pontes com o mercado financeiro”

blicos. Essas pessoas estão com uma enorme estabilidade no emprego. Portanto, não tem mais aquela situação de insegurança no emprego, que era muito forte no segundo governo FHC e destruiu o seu governo. Mas elas querem mais serviços públicos. Muitos vão dizer que elas se tornaram mais conservadoras, mas não são conservadoras no sentido ideológico. Elas começam a temer que possam perder posição. Essas pessoas eram mais favoráveis ao Bolsa Família há dois, três anos, do que hoje.

Há a perspectiva de uma presença maior de Lula nesse final de campanha. O sr. acha que isso influencia?

Ainda não está claro qual vai ser o envolvimento do Lula na campanha. Por enquanto, tem sido muito menor do que vem sendo alardeado pelos petistas. A primeira tarefa da campanha da Dilma é conseguir, efetivamente, envolver o presidente Lula. Se



‘PARA AÉCIO, O APOIO DE MARINA NÃO VEIO COMO SE ESPERAVA’

eles conseguirem isso, Lula tem um possível impacto, sobretudo no eleitorado do Nordeste, mas também no Sudeste, como no Rio, entre o eleitorado mais pobre. No Nordeste, ele pode aumentar a diferença da Dilma para o Aécio, o que já seria algo importante, embora não completamente decisivo do ponto de vista do resultado eleitoral. Mas não está claro para mim qual vai ser o envolvimento dele. Afinal, o que ele tem dito é que vai fazer campanha nos lugares em que o PT ou algum aliado está concorrendo ao segundo turno. É verdade que uma parte deles está no Nordeste, como no Ceará ou na Paraíba, o que vai favorecer, por tabela, a presidente Dilma. Mas ele pode fazer algo mais forte ainda indo para Ceará, Paraíba, Bahia, Pernambuco, pode ir a alguns lugares da região Norte e tentar fazer uma campanha mais forte em São Paulo e Rio. Por enquanto, isso não aconteceu. Tem ali um jogo mais oculto, por enquanto, de qual vai ser o grau de envolvimento do Lula nesse final de campanha da Dilma no segundo turno. Se ela conseguir envolvê-lo, ganha uma arma importante.

Como o sr. vê a questão do mercado financeiro contra Dilma?

Acho que tem a ver com uma sensação de que a política está errada, ao menos para aquilo que o mercado financeiro acredita ser a política econômica certa. Eles apontam a queda do superávit primário, o aumento da taxa de inflação, a redução do crescimento econômico. Em segundo lugar, o mercado financeiro tinha um maior entrosamento com o governo Lula e com o governo Fernando Henrique. O corte não é o governo Lula, é o governo Dilma. Quando o governo Lula adotou políticas anticíclicas, o mercado financeiro não ficou bravo com isso. A grande maioria queria a manutenção do lulismo, até porque viu no Serra algo diferente do que viram no Fernando Henrique. No governo Dilma, há um corte, em parte por erro da avaliação das políticas econômicas, mas também por essa falta de entrosamento. Bateram de frente várias vezes, há a história de como houve a redução da taxa de juros. Nesse processo, houve o predomínio de um cabo de guerra entre o governo e o mercado financeiro. A presidente não foi capaz de reconstruir as pontes com o mercado financeiro.

Ela devia já anunciar a nova equipe econômica?

Ela devia ter anunciado a equipe econômica, se fosse o caso de querer mudar, há seis meses. Não o fez, embora já tenha demitido e mantido em atividade o ministro. Agora, no meio da campanha do segundo turno, creio que criaria mais ruídos do que pontos a favor. Acho que Dilma perdeu o *timing* disso.

O sr. acha que se o presidente Lula tivesse sido candidato, a situação seria diferente?

Para Lula ser candidato, Dilma teria que, de alguma forma, obedecer a ele. Lula pediu no final do ano passado a mudança do ministro da Fazenda. Se ele tivesse sido candidato, ele poderia dizer que a presidente Dilma governa, mas ele está ajudando a consertar algumas coisas, porque ele é o candidato. Se isso ocorresse, acho que ele teria sido o franco favorito para essa eleição. Mas não ocorreu. Dilma acreditou até o final que ela teria chances, embora tenha chances muito apertadas. E, por outro, Lula não quis comprar essa briga, já que ele não tinha a convicção de Dilma de que ele deveria ser o candidato. Seria um desgaste muito grande e que poderia gerar mais problemas do que soluções ao próprio PT.

Parece que ele está se preservando para 2018.

Em parte, sim. Ele não brigou para ser o candidato, e não ajudou tanto ao longo da campanha de Dilma até agora porque não foi

chamado para tal. Alguém só vai participar de uma campanha mais fortemente se você coloca o cara no pedestal. Aécio fez isso com Fernando Henrique. Ele fala mais do Fernando Henrique nos debates do que Dilma fala do Lula. Obviamente, Lula está apoiando Dilma, mas com menor intensidade. Creio que, se ele fosse chamado, colocaria alguns poréns, e ela teria que aceitar pelo menos uma parte desses poréns, e ele estaria hoje com maior participação. Mas os petistas não podem exigir maior participação do Lula sem dar o papel central que ele quer. Por isso, ele prefere ter uma participação mais *low profile* ao longo da campanha. A opção dele não é apenas um cálculo em relação a 2018, é resultado da forma com que a campanha da Dilma o tratou — num certo momento, em agosto, se aproximou do Lula, e, no momento em que a Marina começou a cair, se afastou dele. É uma situação de incerteza também para ele.

O sr. disse no ano passado que o PT precisava construir uma relação bem azeitada com o PMDB para ter êxito nas eleições. Isso deu certo?

Não deu muito certo. Em alguns estados, como Minas e Piauí, houve esse acordo, uma articulação capaz de agradar aos dois lados. Mas houve um número enorme de lugares em que a aliança não deu certo. O resultado é duplo: o governo perdeu apoio na própria campanha, vi-

de Rio Grande do Sul, e se, porventura Dilma ganhar a eleição, ela terá um cenário difícil, terá que reconstruir essa relação, que hoje é muito ruim. Metade da Câmara está com Dilma e a outra metade, contra. No Senado, está um pouco melhor, ela tem apoio da maioria.

O deputado federal Eduardo Cunha (PMDB-RJ) disse que metade do partido está com Aécio. Se Dilma vencer, ela terá um PMDB mais rebelde?

“Aécio Neves e Dilma Rousseff vão dirigir como na última volta da Fórmula 1, mas a chegada estará mais próxima do ‘cruza a reta final’ do turfe”

A frase do Eduardo Cunha tem a ver também com o passado, quando eles acreditavam que teriam maior entrosamento com o governo. Além disso, tem a ver com o cheiro da possibilidade de Aécio ganhar a eleição. Há ainda outro elemento que está fora dessa discussão: ele está com medo do combate à corrupção, porque existe um número enorme de deputados, senadores e governadores com temor de que toda essa história da Petrobras traga mais histórias. Acho que, de certa maneira, Cunha aposta que um governo de Aécio Neves seria melhor porque, de alguma forma, não precisariam da incômoda aliança com o PT e com Dilma, que maltrataram o PMDB nos últimos anos. E, também, porque eles acham que com Aécio seria mais fácil segurar essa avalanche que pode vir dos escândalos. É uma aposta.

O sr. acha que temas como corrupção, Petrobras e nepotismo vão pesar na reta final?

Pesou até agora. Ajudou a oposição a trazer para um empate técnico. Claro que ajudou muito mais dessa vez do que nas outras porque o cenário econômico não é bom. Nessa reta final, se for encontrado algo novo sobre a Petrobras para a presidente ou contra Aécio, é claro que pode atrapalhar. De resto, o que foi denunciado já teve efeito forte. Temos, no mínimo, um empate técnico e, no máximo, ligeiríssima vitória de Aécio.

A chegada, então, vai ser no photchart, como no turfe?

Vão dirigir como na última volta da Fórmula 1, mas a chegada estará mais próxima do “cruza a reta final” do turfe.

O sr. acha que essa polarização entre PT e PSDB continuará?

Ainda não dá para chegar a essa conclusão, porque vai depender de quem for eleito em 2014 e de seu governo. Em 2018, já começa um cenário na política brasileira no qual quem foi a elite do sistema político nos últimos 20 anos — particularmente os grandes líderes do PT e do PSDB — estará deixando a política. Entre 2018 e 2022, ocorrerá uma transição geracional na elite política brasileira que não é só uma questão de idade, mas de pessoas. Para 2018, não dá para garantir que acaba a polarização. Mas, para 2022, fica cada vez mais difícil manter a polarização, pelo menos nos termos em que ela se colocou nos últimos 20 anos.



Aposta na experiência de Aécio

Ideia é contrapor o estilo mais político do tucano com o perfil mais técnico e burocrático da presidenta Dilma

Leonardo Fuhrmann

lfuhrmann@brasil.com.br

São Paulo

A experiência do presidencialista Aécio Neves (PSDB) será um dos pontos explorados por sua campanha nesta semana decisiva, principalmente nos programas de televisão. A ideia é apresentá-lo como um político com larga experiência dentro do Congresso Nacional — que já foi assessor parlamentar, presidente da Câmara e agora é senador — para destacar sua capacidade de diálogo e liderança.

Para o presidente do PSDB de Minas Gerais, deputado Marcus Pestana, será uma forma de se contrapor ao perfil mais técnico e burocrático da presidenta Dilma Rousseff (PT), que disputa a reeleição. “Vamos mostrar que as importantes reformas que o país precisa — tributária, fiscal, política e trabalhista — dependem de um perfil mais aberto ao diálogo”, comenta o parlamentar, que passou a morar em São Paulo no segundo turno da disputa para ajudar na elaboração dos programas de rádio e TV.

Além de sua experiência pessoal, Aécio é filho e neto de políticos mineiros, que, aliás, estiveram em lados opostos durante a ditadura militar. O avô materno, Tancredo Neves, era do MDB, de oposição consentida. O pai, Aécio Cunha, e

o avô paterno, Tristão da Cunha, faziam parte da Arena, partido que deu sustentação ao regime de exceção. Candidato a vice-governador do Rio, o senador Francisco Dornelles (PP) é primo de Aécio.

Segundo Pestana, os outros eixos centrais da campanha serão a continuação das críticas à política econômica, à qualidade da gestão e aos casos de corrupção. “Vamos

insistir na crise de confiança, na baixa credibilidade do governo perante o mercado internacional e na piora dos índices econômicos”, afirma. Ele destaca ainda a falta de qualidade dos serviços públicos, que vem sendo relacionada pelos tucanos às críticas a um suposto aparelhamento do Estado, e o que considera um cenário permissivo “com uma corrupção de

proporção amazônica”, como a denunciada dentro da Petrobras, no caso que envolve a delação premiada do ex-diretor de abastecimento Paulo Roberto Costa.

Para o tucano, há um quinto elemento com efeito direto na disputa, que é a interação com a adversária. “É uma questão que não dominamos unilateralmente”, afirma. Ele destaca que, diferentemente

de Marina Silva (PSB), Aécio tem tempo de rádio e TV para se defender de acusações que podem ser feitas pela campanha petista. “Ainda mais porque o tempo no segundo turno é repartido de forma igual”.

Em evento ontem em Copacabana — a agenda incluiu carreta pela praia — Aécio sinalizou, porém, mudança de parte desse discurso, ao propor que o debate deixe de se concentrar em acusações e priorize propostas dos dois candidatos. “Sou de uma escola política que ensina que quem deve brigar são as ideias e não as pessoas. Queria deixar como mensagem um convite para que utilizemos esses últimos sete dias para debater o Brasil”, afirmou. Com **Agência Brasil**



Maíra Coelho

Aécio Neves enfrentou, junto com José Serra, forte calor para fazer campanha na orla de Copacabana

Tucanos devem destacar na TV, nos últimos dias antes da eleição, a importância de um presidente com capacidade de diálogo para fazer as reformas que o país precisa

PT empenhado em reverter a derrota em PE

Tradicionalmente petista, estado deu vitória a Marina Silva no primeiro turno das eleições

Edla Lula

elulab@brasil.com.br

Brasília

Superar Aécio Neves em Pernambuco tem sido tratado como questão de honra pela campanha do PT. O empenho em reconquistar a simpatia do eleitor pernambucano levará Dilma e Lula amanhã a dois eventos. O primeiro será na cidade de Goiana, a 60 quilômetros de Recife, com comício na porta da fábrica da Fiat, instalada lá por intermédio de Lula — sob os protestos do então governador mineiro Aécio Neves, que pleiteava a ida da fábrica para seu estado. A campanha elegeu Goiana como espé-

cie de símbolo da parceria entre os governos de Lula e Campos, para tentar fortalecer no imaginário pernambucano a lembrança de laços mais fecundos de Campos com o PT do que com o PSDB.

A outra atividade prevista é uma caminhada pelo centro da capital. Uma das lideranças mais empenhadas na mobilização é o senador Armando Monteiro (PTB), candidato derrotado no primeiro turno, que, antes da morte do ex-governador, liderava as pesquisas. “Nosso objetivo é impedir que, mais uma vez, se utilize da comição e do estado emocional da população para tirar votos do PT, que sempre teve a simpatia dos pernambucanos”, diz Monteiro.

Pesquisas internas da campanha petista apontam que será possível angariar entre 58% e 60% de votos para Dilma Rousseff no estado. “Embora haja o apelo da viúva



Ichiro Guerra/Divulgação

Estratégia de Dilma é relembrar parceria com Eduardo Campos

Renata Campos pelo PSDB, não existe uma identificação entre o povo e Aécio Neves”, comenta o senador. No primeiro turno, a candidata Marina Silva, que substituiu Eduardo Campos na corrida eleitoral, ficou com 48% dos votos, con-

tra 44% de Dilma e 6% de Aécio.

Para esta segunda está marcada uma plenária da coligação local, preparando o evento de amanhã e mobilizando militantes para atuarem no interior do estado. Hoje, Dilma deve participar de car-

reata na Zona Oeste do Rio, seguida de visita à Feira de São Cristóvão. O evento estava previsto inicialmente para o último sábado, mas foi adiado para que a candidata descansasse.

A noite, em São Paulo, haverá novo encontro com intelectuais que apoiam a campanha petista. A grande expectativa é a presença do cantor Chico Buarque que, embora tenha assinado o manifesto dos artistas, não compareceu ao encontro do primeiro turno. Nesta etapa da campanha, Chico tem tido uma participação mais ativa, com declarações nas redes sociais e na propaganda de Rádio e TV. Além de Chico Buarque, entre os artistas e intelectuais que apoiam Dilma estão Marieta Severo, Marielena Chauí, Leonardo Boff, Alcione, Angela Vieira, Beth Carvalho, Chico César, Chico Diaz, Leci Brandão e Matheus Nachtergaele.